

APRESENTAÇÃO

Nem sempre a apresentação de uma revista ou de um livro espelha a grandeza dos conteúdos neles expostos ou seja capaz de demonstrar as infindáveis horas de trabalho com a elaboração da escrita, da concatenação das ideias, da seleção do referencial teórico, da discussão bibliográfica e, o mais importante, da pesquisa em si.

A pesquisa na área das Ciências Humanas tem como premissa fundamental auxiliar no entendimento da intrincada rede de relações humanas que permitem o viver em sociedade. Ela ajuda na compreensão de como as coisas funcionam ou se comportam de certa forma. Entretanto a pesquisa muitas vezes não fornece respostas para as perguntas formuladas sobre seus objetos, mas apontam para evidências reunidas em torno de um determinado problema ou podem levar à rejeição de ideias que anteriormente eram consideradas verdadeiras.

É o que nos revela o segundo dossiê “Gênero e Literatura” que abre esta edição do **Caderno Espaço Feminino v. 27, n. 2/2014**. Em “Adultério como contestação”, Priscila Finger do Prado apresenta uma breve análise do “Monólogo de Molly”, presente em *Ulysses*, de James Joyce, buscando nele embriões de um discurso feminista, pelo questionamento do papel da mulher na sociedade, e possíveis relações entre as personagens Molly e Emma Bovary, do romance “*Madame Bovary*”, de Gustave Flaubert, pelo papel determinante da leitura para o adultério dessas personagens, visto como uma forma de questionamento do feminino na sociedade.

Na perspectiva da insubmissão feminina, Camila Marchesan Cargnelutti e Juliana Prestes de Oliveira analisam no artigo “Da submissão à subversão feminina: análise de Fúria”, da autora Patrícia Reis, como ela se utiliza de estratégias linguísticas e narrativas para a construção da sua protagonista e de que forma se dá a constituição da identidade dessa mulher em conflito com os que fazem parte de seu cotidiano.

Na contramão da contestação ou da subversão feminina, Anelise Martinelli Borges Oliveira, em “Considerações sobre os Impressos Literários publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1821)”, apresenta uma análise de nove impressos literários publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro durante a permanência de D. João VI no Brasil, concluindo que seus conteúdos possuíam um cunho disciplinador e formador de comportamentos necessários para a constituição da mulher de elite.

Passado mais de um século, os manuais de conduta ainda teimavam por existir, mesmo com o advento da pílula anticoncepcional e da inserção da mulher em diversos contextos sociais. É o que nos apresenta João Muniz Jr., no artigo “A gramática do comportamento: a fabricação do feminino nos manuais de etiqueta de Marcelino de Carvalho”, tomando com referência as obras: *Guia de Boas Maneiras, Só para homens* e *Snobérrimo*, escritas nas décadas de 1960 à 1970.

Tomando como suporte de pesquisa Ana Caroline de Bassi Padilha e Marinês Ribeiro dos Santos discutem as práticas de consumo doméstico associadas ao espaço da cozinha moderna, divulgadas na revista *Casa & Jardim* durante os anos 1950-60. O recorte de estudo tem como foco as representações de feminilidades veiculadas em reportagens e anúncios publicitários, cujas estratégias discursivas podem ser entendidas como pedagogias de gênero, na constituição da dona de casa moderna no espaço da cozinha.

Na mesma direção, “Representações da maturidade feminina em capas de Cláudia”, de Denise Castilhos de Araújo e Norberto Kuhn Jr., discute e problematiza a presença de mulheres maduras nas capas da revista *Claudia*, como possibilidade de verificar os elementos presentes nesse espaço e que fundam condições de representações do feminino e de interpretações que leitores/as farão sobre as suas próprias realidades considerando a semiose triádica de Peirce.

Denise Castilhos de Araújo e Bibiana Borba Haubert, em “De leitora para leitora: a presença da mulher madura e sua experiência de vida, análise de textos publicados em *Marie Claire*”, analisam as produções textuais de um público pouco presente nos textos científicos, a mulher madura com idade compreendida entre 45 e 65 anos, retirados da seção *Eu, Leitora*, da revista *Marie Claire*, utilizando-se para tanto, a *Análise de Conteúdo* de Bardin.

Além das revistas e manuais de comportamento que visavam a introjeção do “ser” feminino, comentários de três livros também fazem parte desse dossiê. Dionel Mathias analisa a constelação familiar do romance *Die Liebhaberinnen*, da austríaca Elfriede Jelinek, publicado em 1975. Nele a família é entendida como narração em que diferentes papéis são desempenhados de acordo com um núcleo temático coeso e coerente, treinando o indivíduo a experimentar diferentes modalidades de identidade, a aceitar a alteridade e a controlar seus ímpetos egoístas. Jelinek desconstrói esse projeto de narração, mostrando que os papéis dos membros familiares mal mascaram sua falta

de compromisso com uma narração comum, que a domesticação dos impulsos animais estão frouxamente acorrentados e que o princípio de aceitação e solidariedade se encontram subdesenvolvidos. Ela não fornece uma solução ao leitor, mas o convida a refletir.

Giulle Adriana Vieira da Mata analisa o legado intelectual de Marianne Weber (1870-1954), tomando como referência o livro *Esposa e mãe no desenvolvimento do Direito*, mostra como a autora articula o casamento civil a partir de uma perspectiva feminista liberal.

Em “O dialogismo e a polifonia no conto ‘Para que ninguém a quisesse: uma possibilidade de discussão na escola sobre a questão da misoginia’”, de Marina Colasanti, publicado em 1986, Cássia Aparecida Toledo Rodrigues Lima, Rosmere Vivian Ottonelli e Valdecê Batista de Melo Oliveira, expõem a face da misoginia: a discriminação à mulher no ambiente doméstico e como ela se anula enquanto ser humano.

“Muitas formas de amar: a noção de amor nos filmes infantis”, utilizando as obras *Branca de Neve e os Sete Anões* (1939), *Cinderela* (1950), *A Bela Adormecida* (1959), *Shrek* (2001) e *Encantada* (2007), Heitor Tavares Zanoni e Eliane Schmaltz Ferreira, visam compreender a maneira como os filmes infantis colaboram na construção das identidades de gênero em crianças. O amor, e as relações amorosas, aparecem como uma das manifestações das configurações de gênero. Notou-se que os filmes, nas décadas de 1930 a 1950, disseminam padrões idealizados de gênero e relacionamentos românticos heterossexuais. Porém, os filmes lançados na década de 2000 apresentam novas configurações, oferecendo para as crianças personagens mais complexos e que vivenciam problemas do cotidiano contemporâneo.

“Estudos de gênero e historicidade: sobre a construção cultural das diferenças”, de Júlio Cesar Meira, abre os artigos que compõem esse número do **Caderno Espaço Feminino**, é um convite a refletir sobre a trajetória histórica dos Estudos de Gênero na historiografia como campo de estudos multidisciplinar a partir da crise das Ciências Sociais do final dos anos 1960 que se converteram em um importante campo de investigação a respeito do exercício do poder heteronormativo, denunciando as formas de controle e disciplinarização social que excluíam ou marginalizavam não apenas as mulheres, mas também as demais minorias sexuais.

Jackson da Silva Leal, nos mostra um tema ainda pouco estudado, quer pela análise de gênero quer pela História das Mulheres. Em “A mulher e o sistema penal: de vítima à

infratora e a manutenção da condição de subalternidade”, analisa-se uma dupla manifestação. Enquanto sujeito ativo como autora e definida como criminosa e, na condição passiva de vítima, mormente na questão da violência doméstica e na centenária relação de submissão dentro do lar e no seio das relações familiares dominadas pelo homem, e a função de resgate/reafirmção dos papéis sexualizantes e legitimadores da subalternidade feminina que são operacionalizados pelo funcionamento do sistema penal.

Tiago Resende Botelho nos apresenta o artigo “Pode a subalterna negra falar na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul?” que é fruto do seminário *Teoria do Feminismo* no Doutorado de *Estudos Feministas* da Universidade de Coimbra no ano de 2014. O marco teórico encontra-se na indiana Gayatri Chakravorty Spivak em seu ensaio *Can the Subaltern Speak? – Pode o subalterno falar?* Apropriando-se dos conceitos de subalternidade e representação adotados pela autora, o estudo se constrói tendo como recorte temporal os anos de 1977 a 2014 e a inexistência da mulher negra neste espaço legislativo por trinta e sete anos.

O artigo “Corpos femininos, violência sexual e atendimento em saúde: trajetórias e descompassos”, de Lúcia Helena Rodrigues Costa, Cynara Rodrigues Soares Silva e Cristiano Leonardo Dias, analisou com base nos prontuários de atendimento às mulheres vítimas de violência que procuraram os serviços de um hospital universitário, se a violência de gênero era problematizada.

Por fim, fechando **Caderno Espaço Feminino**, Juliana Prestes de Oliveira nos apresenta a resenha do livro *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas* no romance latino-americano, de autoria de Anselmo Peres Alós, publicado em 2012 pela editora Mulheres de Florianópolis. O autor se utiliza da crítica *queer* engajada na busca por uma “poética sexual”, e assim, desestabiliza a ideia de que só existe o binarismo de gêneros sexuais, mostrando que tal binarismo é constructo da linguagem humana para classificar os sujeitos e manter uma ordem. Revela-nos que ao classificar os indivíduos, na perspectiva de um dualismo identitário, criado pela heteronormatividade, exclui-se e marginaliza aqueles que não se encaixam neste sistema, como normal, transformando-os em aberrações, afirma a resenhista.

A leitura desse número do **Caderno Espaço Feminino** nos leva a reflexões fecundas acerca dos temas aqui abordados. Nota-se uma perspectiva pluralista das (os) autoras (es), sobretudo no que diz respeito às análises teóricas que dão aporte e, por conseguinte, sustentam os referenciais teóricos escolhidos para a análise dos diversos

temas. Não só aí reside a riqueza dos conteúdos apresentados, quer no campo teórico, quer nas inúmeras metodologias de pesquisa empregadas, mas nos apresenta cenários, os mais diversos, onde mulheres e mulheres tecem a sua convivência e constroem as suas trajetórias de vida.

Que tenhamos uma agradável leitura!

Jane de Fátima Silva Rodrigues